RELEVO
A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

## Ruínas mutantes

texto LIANA JOHN e foto ANDRÉ PESSOA



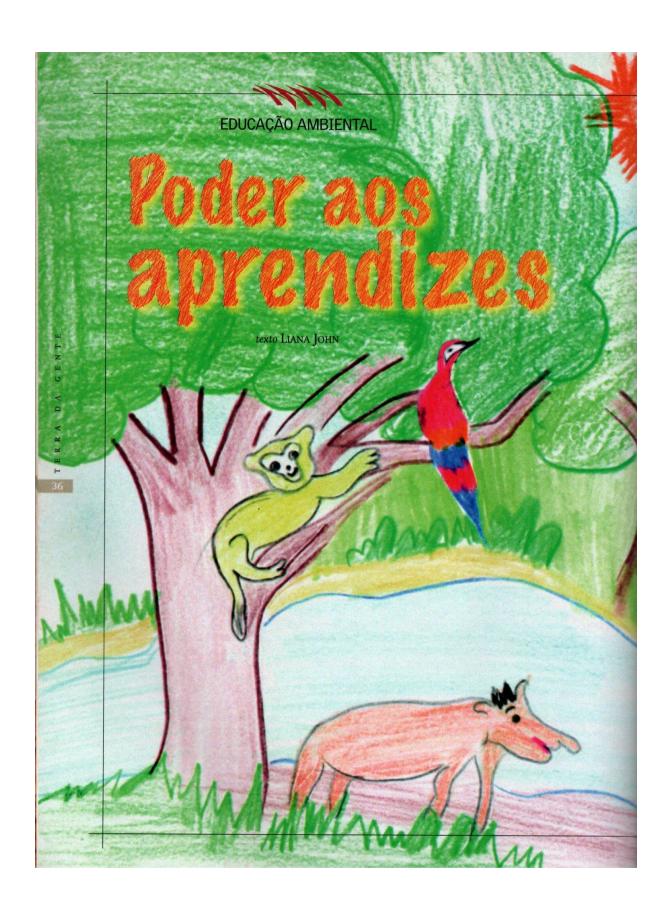
Os perfis e recortes arredondados amanhecem amarelados, cheios de sombras, ecoando cantos diversos. As aves abrigadas nas árvores, aos pés da chapada, despertam e soltam suas vozes, como quem lança serpentinas sonoras ao ar ainda fresco da Caatinga. As rochas cheias de esconderijos respondem às aves, devolvendo as serpentinas sonoras aos pedacos. À medida que o sol se ergue, as tonalidades ficam mais e mais esbranquiçadas, mais duras, mais

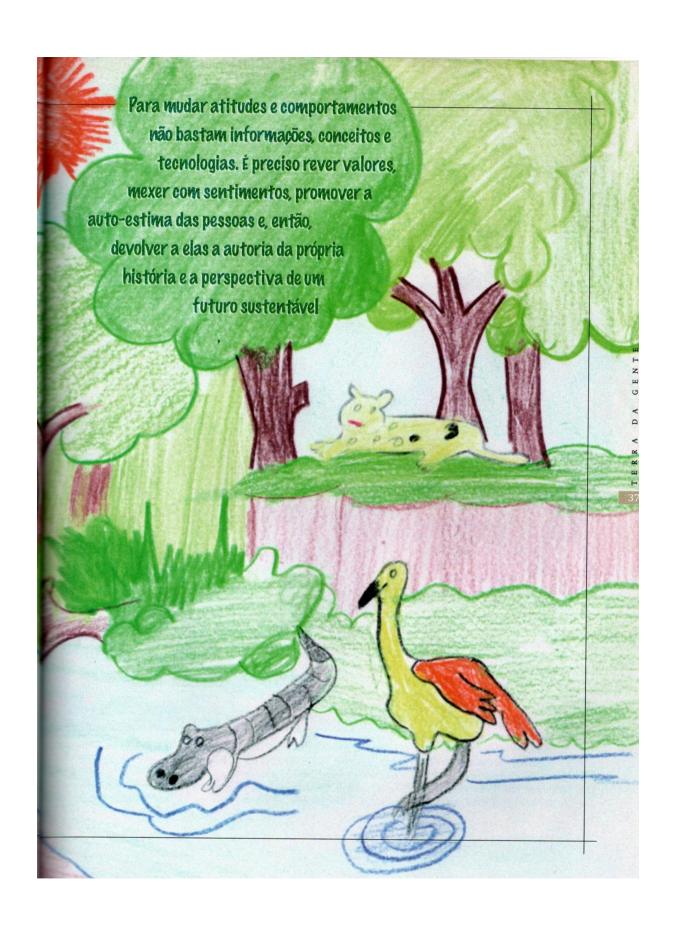
expostas, refletindo luz e calor, recolhendo as sombras até escondê-las - quase todas - sob os raios verticais. E então o meio-dia fica para trás, a tarde avermelha essas ruínas naturais, recobrindo-as de sombras mutantes, que redesenham sem parar as fisionomias dos paredões. E o restinho de luz do pôr-dosol já puxa para o marrom (da foto reproduzida nesta página), transformando o Baixão das Andorinhas em um ensaio de escultura.

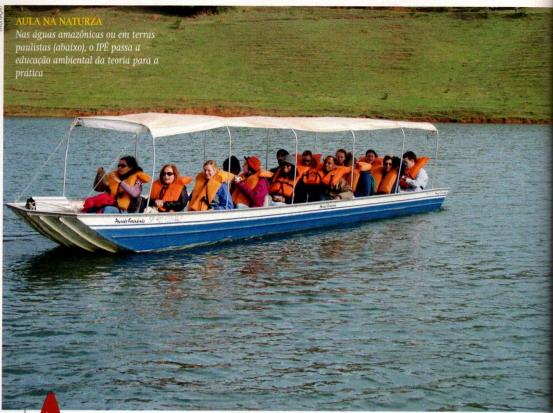
Antiqüíssimo, com algo em torno de 220 milhões de anos - contemporâneo da separação dos continentes – esse relevo de aparência instável é o encontro da Serra da Capivara, na Chapada do Parnaíba, com a planície do São Francisco, no sertão do Piauí. As rochas são de arenito com várias texturas, das mais duras às mais 'podres'. Lá embaixo, onde a umidade se acumula, resistem árvores de grande porte, com 20 a 30 metros de altura. Algumas são espécies características da Mata Atlântica, manchas verdes permanentes na paisagem periodicamente árida do sertão.

As alterações diárias de tons, luzes e sombras não são as únicas mutações do Baixão das Andorinhas. Quando chove - geralmente chuvas breves e torrenciais -, todo o conjunto se cobre de enxurradas. Tão efêmeras quanto violentas, as cortinas d'água escorrem brancas feito fino véu de fúria, intermitentemente perfurado pelo vôo dos andorinhões que dão nome ao lugar.

Terminadas as chuvas, o véu se dissolve. Novamente a chapada assume suas cores variadas, secas, com toda sorte de habitantes de volta, saídos dos múltiplos esconderijos: macacos-prego, sagüis, lagartinhos de muitas espécies, incluindo um de listra vermelha nas costas (Tapinurus helenae), endêmico daquelas paragens. Um cauré (Falco rufigularis) levanta vôo acima dos pontos mais altos da chapada, não superiores a 200 metros. Circula atrás de insetos e morcegos. E solta a voz aguda à toa, sem se dar conta do extraordinário cenário que lhe responde com ecos.







vida faz esquina nas pessoas. E só dobramos a esquina – mudando de rumo, de atitude, de comportamento – ovidos pelo coração. A educação

movidos pelo coração. A educação ambiental no Brasil segue uma série de princípios, formalmente reunidos num documento de nome bonito, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Mas os projetos só funcionam de fato quando contam com educadores capazes de tocar o coração de crianças, jovens ou adultos e mostrar que eles têm poder para sacudir velhos hábitos.

Suzana Padua é uma dessas educadoras. Ela preside o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e vive entre São Paulo, Paraná, Amazonas



e Brasília, quando não passa também pelo Exterior. Em meio aos numerosos compromissos, à frente de uma equipe de 90 pesquisadores e técnicos, ela sempre encontra tempo e disposição para incentivar brasileiros, mesmo os mais simples, a perceberem a riqueza da própria cultura e do ambiente onde vivem. Aos poucos, com a auto-estima ele-

## Os princípios do Tratado

Assinado em junho de 1992, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global é a principal base para as ações dos educadores ambientais. Embora os projetos fiéis a esse tratado ainda sejam pontuais e restem muitas lacunas a preencher, muitos educadores discutem maneiras de levar a teoria à prática por meio da Rede Brasileira de Educação Ambiental (Rebea), uma conexão virtual entre 40 redes regionais, 4 redes nacionais temáticas e 2 redes internacionais, todas voltadas para a educação ambiental.

## Alguns dos princípios na mira de toda essa gente são:

- A educação é um direito de todos, somos todos aprendizes e educadores.
- A educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar,

em seus modos formal, não formal e informal, promovendo a transformacão e a construção da sociedade.

- A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nacões
- A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar
- A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado.
- A educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, ba-

seados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião, classe ou mentais.

- A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.
- A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos.

**OBS.:** Para ler o tratado completo, acesse o site www.paulofrei-re.org/Movimentos\_e\_Projetos/Ci-dadania\_Planetaria/Ecopedago-gia/tratado\_ambiental.htm

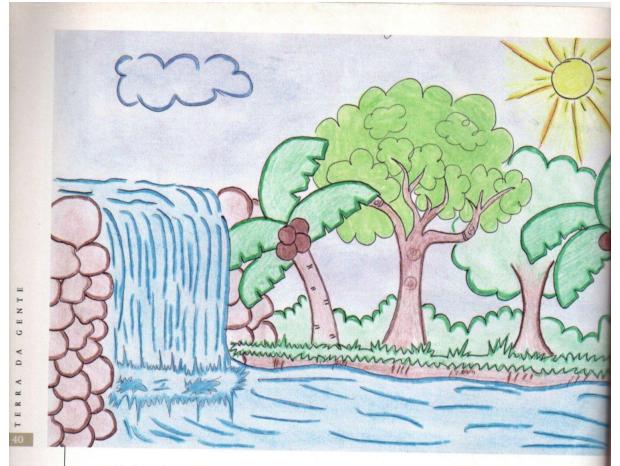
rada, eles aprendem a trabalhar de forma mais sustentável e a promoer a melhoria de qualidade de fida com conservação ambiental.

"Infelizmente nós somos formalmente educados para a passividade. Não é de agora, isso acontece wárias gerações. Assistimos a mdos os fenômenos ambientais e sociais como se não fôssemos capases de mudar. Os oceanos, o buraco 🗈 ozônio, o aquecimento global, s problemas parecem sempre muito grandes, a tendência é de ficar perdido no meio de tanta misa. Nas escolas, o professor não em formação para assumir a lideanca, para incentivar a participa-🚋 e ele precisa mudar a maneira ever o seu papel", comenta Suza-= \*O primeiro passo, portanto, é mostrar às pessoas que é possível,

#### A educação ambiental é um processo coletivo e permanente

eles podem transformar a própria imagem e ir galgando patamares até se perceberem capazes de mudar atitudes para sobrevivermos todos e o planeta também. A educação ambiental toca o lado sensível das pessoas, valoriza o lado artístico normalmente desvalorizado, e é um desafio permanente, porque o processo precisa ser contínuo".

O empoderamento — uma tradução livre do inglês empowerment, expressão muito comum entre educadores ambientais - da população com a qual o IPÊ trabalha é obtido por meio de eco-negociações: os mais diversos setores de uma região se reúnem para discutir os problemas e propor acordos e soluções. "Um projeto pronto seria um desastre, não teria adeptos, na eco-negociação as pessoas descobrem o próprio potencial e os poderosos não têm chance de manipular todos", acrescenta Suzana. Para ela, a medida do sucesso em tamanha empreitada não está na quantidade de prêmios recebidos, embora sejam muitos, nacionais e internacionais. A medida do sucesso está na forma como se expressam os vizinhos do Parque Estadual Morro do Diabo, no Pontal do Paranapanema, onde a entidade atua há mais tempo. Há 20 anos, eles achavam a floresta



um obstáculo ao desenvolvimento e não sabiam que bichos eram protegidos ali. Hoje têm orgulho de morar ao lado do mico-leão-preto, de acordar com o canto dos pássaros e consideram a mata uma relíquia. E cada um vive isso a seu modo: uma assentada planta 'de meia' com as aves, sem se importar com o fato de elas comerem as frutas de seu pomar. Outra deixou de ser caçadora assumida e tornou-se artesã...

Maria das Graças de Souza, ou Gracinha, como todos a conhecem, é o braço direito de Suzana no programa de educação ambiental *Um Pontal bom para todos.* Só em 2006, Gracinha ajudou a organizar 48 eventos de cultura e lazer associados à conservação ambiental; 5 mutirões de plantio de árvores na-

# Os moradores do Pontal agora respeitam a mata e os bichos

tivas; a arborização comunitária do assentamento Água Sumida; visitas de 413 pessoas ao Morro do Diabo; e distribuição de informação ecológica para 17.838 pessoas, além de realizar cursos de capacitação para 65 professores da rede pública, 100 estudantes e 23 mulheres. As ações educativas são todas concertadas com os programas de conservação do IPÊ. Assim, os plantios foram feitos nas áreas destinadas à formação de corredores para a circulação de

fauna entre o parque e fragmentos florestais de fazendas ou assentamentos próximos. As artesãs capacitadas se inserem nos planos de negócios sustentáveis da entidade e trocam experiências com mulheres de outras regiões. Os jovens estudantes se inserem num programa maior de conscientização e manutenção de viveiros em assentamentos, e assim por diante.

Entre tantas atividades, Gracinha não esconde um certo xodó pelo programa jovens ECOnscientes. São 10 estudantes de 15 a 18 anos, 5 do meio urbano e 5 do meio rural, de assentamentos. Eles aprendem a discutir temas diversos — reciclagem, biodiversidade, poluição, desmatamento, extinção de espécies, conservação do solo e dos recursos hídricos, turismo ecológi-

Em julho e agosto último, 16 estudantes norte-americanos visitaram projetos do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) durante duas semanas, em São Paulo e no Amazonas, como parte de um programa de educação ambiental da entidade ambientalista WWF dos Estados Unidos, que visa incentivar lideranças. A viagem foi patrocinada pela Nissan e é apenas uma pequena parte de uma parceria de vulto entre a montadora de veículos e os ambientalistas, com recursos de US\$ 1 milhão para um projeto regional de despoluição de rios e afluentes nos estados do Tennessee e Alabama, nos EUA, e R\$ 300 mil para o financiamento de estudos de viabilidade para a criação de unidades de conservação na Amazônia.

Criado e coordenado por Shaun Martin (na foto, ao centro), esse programa de educação ambiental tem uma abordagem bastante inovadora, por se concentrar menos na opção de carreira do jovem e mais na capacidade de liderança, "Não queremos criar líderes, mas dar uma oportunidade de líderes natos terem contato com as questões ambientais. Acreditamos que a preocupação com a conservação permeia tudo. Não importa onde a pessoa trabalha, não importa a função, todos têm um papel a desempenhar na conservação ambiental" enfatiza

Este ano foram 100 candidatos e os 16 selecionados enfrentaram uma bateria de testes, respondendo a perguntas curiosas (como "qual o animal que melhor representa sua capacidade de liderança?"). Foram escolhidos pela criatividade das respostas e pela capacidade de resolver problemas, associada à experiência com voluntariado e outras iniciativas pessoais.

No final da viagem, conversamos por telefone com dois dos futuros líderes, Erin Allen (à dir.), que cursa Ciências Ambientais na Universidade de Michigan e se interessa por planejamento urbano sustentável, e Tremaine Phillips (à esq.), que cursa Economia Ambiental e Sistemas Geográficos de Informação na Universidade Estadual de Michigan e pretende trabalhar com a promoção de uma economia mais sustentável para seu país.

"Não esperava que a Amazônia fosse tão variada. Achei que seria apenas floresta tropical densa. Não imaginava comunidades assim, capazes de viver da floresta com pouco impacto no ambiente. Tenho mais a aprender do que a ensinar a eles. E acredito que posso ajudar as pessoas nos Estados Unidos a terem uma idéia mais clara do que acontece na Amazônia, de fato", comentou Erin. Para Tramaine, a surpresa foram as pessoas: "Esperava apenas pequenas comunidades ribeirinhas e floresta e me surpreendi com o tamanho de Manaus. E, nas comunidades, chamou minha atenção o modo como foram receptivos, como foram abertos, mostrando tudo, agradecidos por nossa visita".



#### Os monitores tornam-se agentes multiplicadores entre os jovens

co e responsável – e depois atuam como monitores em visitas eco-pedagógicas em escolas e no parque. O contato prolongado dos educadores com os jovens e dos jovens entre si, ao longo de um ano, promove mudanças profundas. "Eles se tornam agentes multiplicadores em seu próprio meio. O resultado é bastante positivo. Eles passam a ser detentores do conhecimento e da proposta de educação", diz Alcino Vilela, do Instituto Elektro, ligado à concessionária de energia de mesmo nome, patrocinadora do projeto. Os recursos - R\$ 60 mil por ano - incluem uma bolsa de R\$ 175,00 mensais para cada jovem

Em duas outras localidades paulistas onde a Elektro distribui energia, o instituto mantém programas semelhantes. Em Pariquera-Açu são 15 jovens filhos de fazendeiros e de agricultores, o foco é o combate à caça, e a parceria é com o Instituto Florestal, responsável pelo Parque Estadual da Serra do Mar. Em Ubatuba, são 15 filhos de pescadores e assentados, o foco é o mar, e a parceria é com a Prefeitura Municipal.

A educação ambiental continuada, ao longo de pelo menos 10 meses, também tem bons resultados em Guaramirim (SC), no Instituto Rã-Bugio. A cada ano, são selecionados 350 crianças e adolescentes — 35 alunos de cada uma das 10 escolas locais participantes — para um programa de encontros mensais. Divididos em grupos por faixas etárias — de 5 a 9 anos e de 10 a

#### As crianças ajudam a denunciar os agressores dos recursos naturais

15 anos -, eles saem a campo com Elza Woehl para conhecer a realidade ambiental da região. "Vamos a restingas, manguezais, minerações de caulim, aterros, mananciais, loteamentos clandestinos, não ficamos só restritos à área do instituto e aos anfibios, que sempre foi nosso foco principal", conta Elza. "Eles aprendem a enxergar que alguns processos, antes considerados 'normais', produzem grande impacto ambiental e - o mais importante – descobrem que podem fazer alguma coisa contra a degradação, juntando fotos e informações para abastecer o Ministério Público, mostrando aos responsáveis por empreendimentos irregulares que estão atentos e não aceitam passivamente qualquer coisa".

A mudança de atitude muitas vezes começa com a experiência com os anfibios, sempre usados como exemplo por Elza, na hora de explicar como funciona a cadeia alimentar ou quais os efeitos da degradação de ecossistemas sobre a biodiversidade. "Eles chegam sem base nenhuma, falta estímulo para pensar, estão acostumados a ficar em sala de aula com muita teoria e nenhuma prática. Teoria é bom, mas com a prática nunca mais eles vão esquecer. Ao verem uma perereca no ambiente, e tocarem, e pegarem na mão, eles aprendem a superar o medo ou nojo inicial, vencem o preconceito. Então, mudam totalmente de opinião", acrescenta a educadora. "Ao longo dos meses, eles aprendem a observar, perce-

## Palco para reflexões

texto GRACIELA ANDRADE

Eles chegam cheios de expectativas. Os olhinhos arregalados e curiosos percorrem todo o teatro e acompanham a movimentação. Inquieta como a maioria das crianças, a pequena Júlia se estica toda na poltrona para avistar o palco e não esconde a ansiedade: "Tio, esse teatro não vai começar nunca, não?"

Antes mesmo de se ouvir a resposta, as luzes se apagam e um breve silêncio se faz presente. São poucos segundos até os acordes da viola ecoarem no teatro. Sob a luz do lampião, o cenário se revela lentamente. A música agora cede espaço para o coaxar dos sapos e nos remete a uma noite no interior. Augusto entra em cena e logo anuncia a história de amor que vai contar: "O rio mais lindo do mundo, é o meu rio!"

O garoto cresce, a cidade dele já não é mais a mesma, e o pior: o rio, o seu grande amigo, também muda. Fica menor, sujo e sem peixes. "Meu rio, meu velho, o que foi que fizeram com você?" - pergunta, aos prantos.

É nesse tom, com essa delicadeza, que a peça infantil Era uma Vez um Rio toca num assunto sério — a devastação ambiental — e desperta no público os sentimentos de fidelidade e respeito à natureza. A peça está em cartaz há um ano, já recebeu mais de 3 mil espectadores e conquistou diversos prêmios.

"Interpretar o Augusto foi um grande presente para mim", conta Ando Camargo. Na opinião do ator de 29 anos, a peça ensina sem ser chata. "Ao sofrer com a morte do rio, Augusto deixa claro que sem cuidados a natureza não sobrevive. Além das crianças, os pais também se emocionam e me deixam muito feliz quando chegam até mim, depois do espetáculo, e me agradecem pelo presente que eu dei aos filhos deles. Isso é maravilhoso".

Para Hugo Picchi, que interpreta a mãe, o pai e o avô de Augusto, o teatro tem uma fórmula mágica e

encantadora de ensinar as crianças. "Elas prestam atenção. aprendem e tentam reproduzir o que viram em casa. A gente só consegue cuidar, preservar, quando a gente conhece e ama". A atriz Nábia Vilela faz coro: "Torcemos para que todos saiam daqui mais apaixonados pela natureza, que a tenham como amiga e cuidem mais dela".



**SERVIÇO:** A peça Era uma Vez um Rio continua em cartaz no Teatro Folha, no Shopping Pátio Higienópolis, em São Paulo, até 30 de setembro

AUDIONOR PECORARI





#### AUTOR DA HISTÓRIA

Morador da Serra da Canastra com material do livro que está ajudando a escrever, num processo de criação coletiva

bem quanta vida tem num só metro quadrado de Mata Atlântica, aprendem a gostar. E, quando se mexe com sentimento, a educação ambiental funciona. Eles se tornam multiplicadores. A conservação começa no coração".

Desde o início de 2007, o programa do Instituto Rã-Bugio inclui a capacitação de professores para adotar a transversalidade, ou seja, a inclusão de questões ambientais nas diversas disciplinas do currículo escolar. "Um professor fica um ano com cada classe, todos os dias.



#### Na Serra da Canastra o povo escreve a própria história

Em um ano dá para mudar muita coisa, mas ainda falta um conhecimento mais organizado, falta construir mais alianças. Meio ambiente não é só Biologia ou Geografia", conclui Elza Woehl.

Na Serra da Canastra (MG), o projeto de educação ambiental do Instituto Pró-Carnívoros começou em 2004, com a intenção de mudar o preconceito dos sitiantes em relação ao lobo-guará, considerado um 'ladrão de galinhas'. O animal consome mais frutos do Cerrado e pequenos mamíferos e anfibios do que propriamente galinhas, mesmo assim é caçado ou envenenado com freqüência.

Coordenado por Marcelo Bizerril, também professor da Universidade de Brasília (UnB), o projeto assumiu uma dimensão cultural mais ampla com o Cine Lobo, um cinema itinerante que vai às fazendas e sítios exibir filmes do circuito comercial precedidos de um curta-metragem sobre os hábitos do lobo-guará. "Introduzimos o hábito de discutir filmes, desconhecido daquela população, e agora já tem gente de lá pensando em produzir vídeos sobre a Canastra", conta Bizerril.

#### **NOVOS CAMINHOS**

À frente dos alunos, Elza Woehl, do Rã-Bugio, mostra a realidade ambiental e os caminhos para uma nova mentalidade a partir da experiência com os anfíbios (pág. seguinte)

Os planos de produção cinematográfica, na verdade, são um reflexo de outro projeto de educação ambiental informal, também coordenado pelo Pró-Carnívoros: a edição de um livro no qual a população local conta a própria história. O livro tem 31 autores de 5 municípios do entorno do Parque Nacional da Serra da Canastra. São agricultores, comerciantes, jovens estudantes, idosos, ex-funcionários de órgãos ambientais, todos moradores



da Canastra. Eles reuniram fotos antigas, desenhos e produziram textos com relatos pessoais e pesquisas sobre 5 temas: Recursos Hídricos e Geográficos, Natureza e Biodiversidade, Economia e Desenvolvimento, História e Cultura.

"Nós, do instituto, não escrevemos uma linha sequer. Tudo ficou
por conta deles, são assuntos do interesse deles, é um discurso ambiental deles, muito interessante",
afirma o coordenador. "Eles estão
muito motivados por terem se tornado donos da própria história
com a expectativa de contribuir
para o futuro, superando questões
do passado". A reunião de fechamento do livro acontece neste mês
de setembro e o livro será lançado
ainda em 2007, provavelmente em
novembro.

Pôr a 'massa' nas mãos dos educandos também é a estratégia do educador Gustavo Veronesi, responsável pelo projeto de educação ambiental da Fundação SOS Mata Atlântica. Nascido do Núcleo Prófietê, o projeto ainda tem os rios no centro das atenções. Veronesi repassa uma maleta com um kit completo de análise de água para se voluntários de grupos comunitários e os ensina a monitorar a qualidade das águas dos rios locais. "O fato de eles fazerem as me-

dições, observarem os peixes, a cor do rio, a transparência, tudo isso funciona como um estímulo para eles entenderem e acompanharem o que acontece ali em volta", observa o educador. "Logo eles aprendem a discutir não só a qualidade das águas, mas o que fazer para manter ou melhorar essa qualidade"

Na opinião de Veronesi, muitas pessoas ainda têm uma visão romântica e até piegas de meio ambiente e do trabalho dos ambientalistas. "A percepção ainda é pontual, meio ambiente não é entendido como algo que permeia tudo. E a educação ambiental não pode ficar restrita a essa visão. Educação ambiental é uma educação para a cidadania, não educamos ambientes, educamos pessoas para relacionar os temas, ter abrangência, saber o que está acontecendo no mundo. E mudar atitudes".

Na opinião de Viviane Junqueira — outra educadora de 'fazer esquina' — a mudança de atitude, em casa, no local onde se mora, é o grande gargalo da educação ambiental. "Para sair da informação e mudar comportamentos é preciso ir mais fundo, é uma questão de valores", comenta. "Hoje temos mais informação, mais disponibilidades de conhecimento, o Brasil avançou

#### Diálogo – e não tecnologia – ajuda a resolver a questão ambiental

muito na formação de redes, estabelecendo trocas, num nível ainda não encontrado em outros países latino-americanos. Mas ainda não é suficiente para mudar comportamentos. É preciso ter o senso do bem comum: o que eu quero para mim tem que ser o que desejo para o outro. A vida deve ter valor independente da espécie".

Antropóloga de formação e educadora de coração, Viviane trabalhou no Ministério do Meio Ambiente de 2000 a 2003 e depois coordenou o programa de educação ambiental da Conservação Internacional. Hoje é consultora de empresas com programas próprios de educação ambiental, voltados tanto para funcionários como para as comunidades vizinhas a fábricas e empreendimentos, "Amasso barro e consigo andar de salto", brinca ela, referindo-se ao paciente trabalho de estabelecer pontes entre universos muito diferentes. "Acho que estamos no caminho, a boa intenção está presente, mas ainda precisamos ter a escuta aberta e respeitar a diversidade. Nenhuma tecnologia vai resolver a questão ambiental, ainda precisamos aprender a dialogar".

#### PARA APRENDER OU PARTICIPAR MAIS:

REBEA (Rede Brasileira de Educação Ambiental) www.ecomarapendi.org.br/Rebea/

IPÊ www.ipe.org.br

Instituto Elektro www.elektro.com.br (clicar em Responsabilidade Socioambiental)

Instituto Rã-Bugio www.ra-bugio.org.br

Instituto pró-Carnívoros www.procarnivoros.org.b

Fundação SOS Mata Atlântica www.sosma.org.br ou

Viviane Junqueira vivijung@gmail.com

## **CAMINHO DO MEIO**

texto LIANA JOHN

# Enfim, uma meta comum

ISA e Vidágua estabelecem múltiplas parcerias com prefeituras, cooperativas e comunidades tradicionais para restaurar as margens do rio Ribeira de Iguape



Mata Atlântica ainda domina a paisagem na bacia do rio Ribeira de Iguape, entre Paraná e São Paulo. São 2,1 milhões de hectares de florestas, 150 mil de restingas, 17 mil de manguezais e 200 km de uma recortada zona costeira com praias, sacos, costões, estuários e ilhas bem preservadas. Isso corresponde a 23% dos 100 mil km² de Mata Atlântica remanescentes em

território nacional. Mesmo assim, o rio Ribeira de Iguape precisa de restauração: suas margens foram desmatadas e ocupadas por bananais, agricultura de subsistência, pastagens e minerações de areia, gerando erosão, assoreamento; aumentando o risco de enchentes e deteriorando a qualidade da água, com conseqüências para a biodiversidade do rio e do estuário e impactos sobre os esto-

ques pesqueiros.

Para interromper a degradação e replantar a mata ciliar, desde outubro de 2006 duas organizações não-governamentais (ONGs) uniram esforços e projetos, lançando a campanha Cílios do Ribeira, com a participação de 40 outras instituições e representantes de grupos sociais. O Instituto Socioambiental (ISA) e o Instituto Vidágua contam com recursos

de projetos aprovados, respectivamente, pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos (Fehidro-SP) e pelo Fundo Nacional de Meio Ambiente (FNMA). Somados, os dois projetos disponibilizarão cerca de R\$ 500 mil nos próximos 2 anos. O nome da campanha foi escolhido por meio de um processo participativo, envolvendo 2 mil alunos de 29 escolas locais. A autora da sugestão vencedora – Cílios do Ribeira – é Raquel Hellen do Nascimento, de 17 anos, aluna de 3ª série do ensino médio em Barra do Turvo (SP).

As prioridades da campanha são organizar reuniões e mobilizar os mais diversos atores nos 33 municípios cortados pelo rio — 23 em São Paulo e 10 no Paraná — para promover

plantios-piloto. Cada município terá uma área-piloto de pouco mais de 3,5 hectares, num total de 120 hectares. E a expectativa é estimular as pessoas e as instituições envolvidas com a campanha a ampliarem esses plantios por meio de iniciativas locais, como a anunciada pela prefeitura de Ilha Comprida (SP), que, por conta própria, já transformou em 18 seus 3,5 hectares.

Também em Eldorado, o reflorestamento já começou, com o plantio de 1.270 mudas de 50 espécies diferentes, todas nativas da Mata Atlântica. Em Itaócas e em Barra do Chapéu, dois outros municípios paulistas, o plantio não é direto, mas as prefeituras disponibilizam mudas para os proprietários de terras situadas às margens de nascentes dos afluentes do Ribeira de Iguape. Os sitiantes recebem treinamento e tornam-se responsáveis pelos tratos e manutenção das mudas.

Apenas no estado de São Paulo, o total de matas ciliares derrubadas



nos últimos 20 anos soma 10.596 hectares, segundo levantamento feito pelo Vidágua. No Paraná, uma avaliação com base em imagens de satélite será feita durante 2008, mas, considerando apenas um levantamento preliminar feito pelos ambientalistas, o nível de degradação parece pior do que em São Paulo.

"Nossas metas incluem aprimorar os estudos técnicos sobre a situação das matas ciliares, produzir mais de 230 mil mudas de espécies nativas e promover a capacitação de técnicos e comunidades locais nos processos de reflorestamento", diz o biólogo Clodoaldo Gazzeta, coordenador da campanha pelo Vidágua. A intenção é capacitar 250 técnicos locais em atividades de produção de sementes e mudas nativas, além de envolver 93 escolas públicas do Vale do Ribeira em ações de educação ambiental. Em médio prazo, isso deve ampliar consideravelmente os 120 hectares de plantio-piloto de mata ciliar, além de promover a

recuperação de 1.243 hectares de Áreas de Preservação Permanente (APPs) degradadas. As APPs incluem nascentes, encostas íngremes e topos de morro. O déficit de matas ciliares em toda a região é de 10.542 hectares, já excluídos 1.054 hectares de áreas densamente ocupadas com estradas, cidades e outras estruturas permanentes. As áreas em pior estado, com solo exposto, somam 199 hectares.

"Estou otimista por que todo mundo está participando. O Vale do Ribeira tem uma história de polarização muito grande, é uma novidade unir segmentos tão diferentes em torno de um objetivo comum. A recuperação da mata ciliar conseguiu juntar todos e já há uma compreensão da campanha

como algo com potencial de construir uma imagem do Vale do Ribeira, fora da região, de uma forma positiva. Não a pobreza, mas um sinal de riqueza, algo capaz de chamar a atenção e buscar recursos para o que é a vocação do Vale: o desenvolvimento sustentável, a agricultura familiar valorizada", comenta Nilto Tatto, coordenador da campanha pelo Instituto Socioambiental. "Com todo planejamento, mobilização e organização local, é boa a perspectiva de dar certo. Agora depende da nossa capacidade de mostrar essa imagem positiva para fora do vale e assim garantir a sustentabilidade da iniciativa ao longo do tempo, para que a campanha perdure além do prazo dos projetos".

#### PARA SABER MAIS:

A campanha Cílios do Ribeira tem um site com informações, fotos e até sugestões para voluntários interessados em colaborar: www.ciliosdoribeira.org.br